

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

FACULDADE DE CEILÂNDIA – FCE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

ALESSANDRA RIZZI COSTA

**A DANÇA E O DESEMPENHO OCUPACIONAL DE DEFICIENTES
VISUAIS: DESVELANDO NOVOS CAMINHOS**

BRASÍLIA

2013

ALESSANDRA RIZZI COSTA

**A DANÇA E O DESEMPENHO OCUPACIONAL DE DEFICIENTES
VISUAIS: DESVELANDO NOVOS CAMINHOS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade de Brasília –
Faculdade de Ceilândia, como requisito
parcial para obtenção de grau de
bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa Dra. Andrea Donatti
Gallassi

BRASÍLIA

2013

**Aos meus pais, que tornaram este sonho possível,
e a minha família, fonte de amor e proteção.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais que são também meus melhores amigos. É com vocês que conto sempre e é por vocês cada conquista e vitória. Obrigada por todo amor e dedicação. A minha avó, que é meu porto seguro, exemplo de mulher, sempre tão sábia e amorosa.

Ao meu irmão e aos seus abraços, me dando colo nos momentos mais difíceis. A toda minha família e amigos, sempre tão compreensíveis e presentes. Em especial, a Juliana Castro, professora e mestre há tantos anos, que me apresentou a este mundo repleto de possibilidades e magia que é a dança.

A Biblioteca Braille Dorina Nowill, que abriu as portas de um novo mundo, com novos desafios e muita aprendizagem. As funcionárias da instituição que sempre confiaram no meu trabalho e apostaram nele. Muito obrigada por acreditarem.

A Universidade de Brasília, que proporcionou conhecimento, segurança e amadurecimento para, enfim, me tornar uma profissional. Ter feito parte deste grupo tão especial de alunos que compõem esta instituição é muito gratificante e significativo.

A minha orientadora, professora Andrea Gallassi, que me ajudou a concretizar este sonho. Com sua experiência de profissional renomada que é, me guiou pelos caminhos da ciência e do coração.

A todos os meus professores, que foram a fonte do meu conhecimento nestes anos. Ensinar é uma dádiva, que só é possível para aqueles que são nobres e humildes, pois sabem dividir e compartilhar o melhor que tem. Em especial a professora Nazareth Malcher que me incentivou e acreditou em mim, revelando-me o valor da Terapia Ocupacional e me fazendo sentir parte dela.

Ao amado Deus.

RESUMO

A dança se configura como sendo a forma de expressão artística mais antiga que se conhece. O tema “dança inclusiva” consolida-se no painel dos tempos contemporâneos, possibilitando a inclusão social de pessoas com deficiência. Dentre as diversas formas de deficiências conhecidas, a visual é uma das que traz maior prejuízo às atividades diárias do ser humano e que interfere de forma direta em seu desempenho ocupacional. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é verificar a influência da dança no desempenho ocupacional de pessoas com deficiência visual. Utilizando a técnica do estudo de caso, a pesquisa é descritiva, de caráter qualitativo e exploratório, e utilizou como instrumento entrevistas semiestruturadas. As áreas do desempenho, propostos pelo Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional, sofreram influência a partir da prática da dança, melhorando o desempenho ocupacional dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Dessa forma, sabendo das dificuldades motoras, cognitivas e sociais que a deficiência visual pode acarretar para os sujeitos, a dança apresenta-se enquanto um recurso terapêutico de excelente potencial para este público.

Palavras chave: Dança. Desempenho ocupacional. Deficiente visual.

ABSTRACT

Dancing is the most ancient form of artistic expression known to men. Nowadays, “inclusive dancing” is acknowledged because of its possibilities of promoting social inclusion of people with disabilities. Within the many known disabilities, blindness is one that brings much impairment to the daily activities of individuals, interfering directly in their occupational performance. It is the objective of this research to verify the influence of dancing in the occupational performance of blind people. To reach this objective, a case study was developed using semi-structured interviews, which characterized this research as a descriptive, qualitative and exploratory one. The components of performance, as proposed by the Canadian Model of Occupational Performance, were influenced by the practice of dancing, resulting in the improvement of the subjects’ occupational performance. In conclusion, although blindness can affect individuals physically, cognitively and socially, dancing can be used as a therapeutical resource to these individuals.

Keywords: Dancing. Occupational performance. Blind people.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
1.1	A HISTÓRIA DA DANÇA	09
1.2	A DANÇA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	11
1.3	O CORPO	12
1.4	O DEFICIENTE VISUAL E A DANÇA	13
1.5	BIBLIOTECA BRAILLE DORINA NOWILL	15
1.6	MODELO CANADENSE DE DESEMPENHO OCUPACIONAL – MCDO	16
2	JUSTIFICATIVA	19
3	OBJETIVOS	21
4	PERCURSO METODOLÓGICO	22
4.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
4.2	ASPECTOS ÉTICOS	23
4.3	AMOSTRA E LOCAL DE ESTUDO	24
4.5	INSTRUMENTO	24
5	ANÁLISE DOS DADOS	26
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	27

6.1	(RE) CONHECENDO OS CORPOS	27
6.1.1	Componentes físico, cognitivo e afetivo do desempenho	27
6.1.2	A espiritualidade e a religião	29
6.2	A DANÇA: PRIMEIRO CONTATO E PERCEPÇÕES	29
6.2.1	Motivações para começar a dançar	30
6.2.2	Significados	31
6.2.3	O que pode ter mudado?	32
6.3	O DESEMPENHO OCUPACIONAL DE CORPOS CEGOS	33
6.3.1	A dança e o desempenho ocupacional nas atividades de autocuidado	33
6.3.2	A dança e a produtividade	34
6.3.2.1	A importância do trabalho na estruturação da vida social	36
6.3.3	O lazer enquanto ferramenta inclusiva	36
6.3.4	A influência da dança no desempenho ocupacional dos sujeitos	37
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
8	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE I	46
	APÊNDICE II	47
	ANEXO	48

1 INTRODUÇÃO

1.1 A HISTÓRIA DA DANÇA

A dança se configura como sendo a forma de expressão artística mais antiga que se conhece.

A dança existe desde a pré-história. Como os homens desta época não tinham uma linguagem verbal definida, usavam a dança e artefatos para se relacionarem e conviverem em sociedade. Era frequente o uso desta arte para acalmar um deus irado ou fazer um ritual (PETO, 2000, p.36).

Em seu livro, Mendes (1985) diz que os primeiros registros de atividades dançantes datam do período Paleolítico Superior quando os homens viviam em pequenas hordas isoladas, dominados pelo pensamento mágico. No período Neolítico, ritos e cultos substituíam a magia e a feitiçaria, pois o homem já adorava os espíritos e enterrava seus mortos. No decorrer de sua história foi caracterizada e utilizada para diversos fins, até se estruturar nas formas de dança hoje conhecidas. Neste contexto, Manfio e Paim (2008) descrevem que desde que existe o ser humano, existe a dança. Para os autores, dançar era algo natural. Unindo-se a música ao gesto, nasceu a dança. Descobertos o som, o ritmo e o movimento, o homem passou a dançar.

A dança vem sendo usada por civilizações e povos antigos em quase todos os fatos importantes de sua cultura. Segundo Garaudy e Mohamed, citados por Kussunoki e Aguiar (2009, p. 708), estes fatos podem ser descritos enquanto “oferendas de sacrifícios, rituais religiosos e/ou culturais, festas relacionadas ao nascimento de crianças, à circuncisão, aos funerais, à guerra, às doenças, à sementeira e à colheita”.

Através dos tempos, a dança foi se desenvolvendo e tornando-se altamente complexa, e de acordo com Mendes (1985, p. 27):

[...] passa a ser executada também por pessoas ou grupos organizados, com estudos específicos, em palcos ou outros espaços adequados, sendo então conhecida como balé, atividade que começou a delinear-se na Renascença, união da dança, música, artes plásticas e declamação.

Até os dias atuais a hegemonia do balé encontra-se presente neste meio artístico. Porém, por se caracterizar como uma manifestação artística altamente técnica, que busca a perfeição postural e a simetria corporal, esta dança foi se tornando cada vez mais um privilégio de poucos.

Assim, identifica-se no nascimento do balé, uma pedagogia do corpo que visa atender as exigências ideológicas capazes de darem conta das novas necessidades da modernidade que se inicia. Há, nesse processo, uma separação e hierarquização daquilo que é considerado dança e de quem poderia dançá-la. Essa separação e hierarquização fez com que o balé fosse uma arte para poucos e para privilegiados (KLEINUBING *et al*, 2011, p. 202).

O balé continua sendo um privilégio de poucos, sendo considerada, até os dias de hoje, uma das modalidades mais complexas e reconhecidas no meio artístico. Porém, a partir dele nascem novas estéticas, como o balé moderno e o balé contemporâneo, que se utilizam de movimentos mais soltos, e com finalizações que fogem ao padrão, com pés em “flex” e não mais em “ponta”. E é por meio destas transformações sofridas ao longo do tempo pela dança, que o mundo desta arte abre as portas para a inclusão de pessoas com deficiência.

Novos modos de pensar e fazer dança nascem. Para Kleinubing *et al* (2011), essas novas ideias tem relação direta com as mudanças no modo de pensar o sujeito na sua relação com o mundo. A dança moderna então vem ao mundo por meio deste movimento que surge no início do século XX. De acordo com Canton, citado por Kleinubing *et al* (2011, p. 207), o impulsionador desse pensamento seria: “o conceito de vanguarda, um termo de guerra que pressupõe duas ideias básicas: a de se estar “à frente”, isto é, de fazer algo novo, e a de “guarda”, que se liga à luta, à ruptura”.

Dessa forma, por influência do crescente movimento mundial que se preocupa em criar programas que valorizem a participação de todos em atividades sociais e culturais, a proposta da dança com caráter inclusivo nasce. Reiterando tal afirmação, Nunes (2004/2005) afirma que a junção das mudanças ocorridas com o início dos questionamentos dos padrões estéticos vigentes no século XX, com as bases de pensamento da dança moderna, ambos aliados às crescentes tentativas de inserção de pessoas com deficiência na sociedade, possibilitaram também a inclusão gradual destas pessoas no espaço da dança. A dança inclusiva, então, vem proporcionar para todos aqueles que querem dançar, a condição

necessária para desenvolverem suas habilidades e potenciais individuais, (re) inserindo-os socialmente.

1.2 A DANÇA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

De acordo com Amaral (1994), integrar pessoas com deficiência significa, a cima de tudo, oferecer oportunidades iguais de participar do mundo que as rodeia, mundo este das relações sociais, da escola, do trabalho, da cultura e do lazer.

O tema “dança inclusiva” consolida-se no painel dos tempos contemporâneos, onde muitos assuntos ainda devem ser discutidos e analisados a fim de expandir cada vez mais os paradigmas impregnados no conhecimento da dança. Como descrevem as autoras Bertoldi e Souza (2009, p.52):

No processo de discussão do que se entendia por dança inclusiva no Brasil, assistimos o nascer dos termos “dança sobre rodas”, “dança de habilidades mistas”, “dança por enquanto inclusiva”, entre diversos outros termos que surgiram no contexto de discussão de pouquíssimos artistas da dança que criavam pequenos espaços de diálogo sobre dança, entre uma massa de terapeutas, pedagogos, assistentes sociais, educadores físicos, que reconheciam na dança um “meio” de expressão, socialização, lazer, terapia. Paralelo a este contexto de discussões, algumas oficinas de dança lentamente ampliavam espaços entre “cursos de dança para pessoas com deficiência”, “vocabulários da roda”, “competições de dança sobre rodas”, “momentos especiais em festivais tradicionais de dança, para exibir a ‘dança para pessoas com deficiência’ ironicamente chamada inclusiva.

O evento que reuniu doze companhias de dança em 1997 na cidade Boston, nos Estados Unidos, para a realização do *The International Festival of Wheelchair Dance*, teve forte relevância no contexto da dança inclusiva e foi considerada, pelo diretor artístico do festival, Jeremy Alliger, como “um exercício da visão inclusiva da arte marcando uma ruptura com os estereótipos existentes na dança” (BERTOLDI; SOUZA, 2009, p.53).

Apesar dos inúmeros conflitos em estruturar uma nova prática no cenário da dança, das várias dificuldades encontradas em não tornar excludente o que deveria ser inclusivo, a dança para pessoas com deficiência ganhou espaço, ainda que encontre muitas barreiras para existir. Sabe-se que além dos benefícios psicomotores, cognitivos, emocionais e socioculturais, inerentes a esta forma de arte, a dança para pessoas com deficiência, segundo

Nunes (2004/2005, p. 48) melhora a autoestima, a imagem e esquema corporal e as relações sociais destes, traduzindo-se assim, como uma forte aliada no processo de inclusão social para este público.

A dança na contemporaneidade vem permitindo cada vez mais a convivência de corpos diversos, enfraquecendo as imposições culturais que sempre existiram com relação aos atributos necessários a este corpo, julgando-os e excluindo-os em classificações como perfeitos, imperfeitos, belos ou feios, habilidosos ou deficientes. “Ao fazer dança o corpo do portador de necessidades especiais confronta e desafia não só a imagem ideal do físico do bailarino/a, mas expõe os processos limítrofes a que o corpo está sujeito e os parâmetros incertos de sua normalidade e humanidade” (NUNES, 2004/2005, p. 51).

1.3 O CORPO

Os corpos são o acervo histórico de toda uma vida, guardando consigo marcas, lembranças, sensações e sentimentos experimentados nos mais diversos contextos e situações. “Quando acontecem, as experiências de encontros inéditos marcam os corpos, começam a fazer parte e criar novos modos de relação e contato, reverberando em outros lugares, criando certos hiatos nos mantras existenciais” (LIBERMAN, 2008, p.146). São eles também (os corpos) que possibilitam a expressão de muito do que é sentido, por meio do que se chama expressão corporal ou linguagem corporal.

O corpo seria, pois, um lugar importante na percepção das próprias capturas e do efeito de um processo serializante de subjetivação, voltada para a anestesia e paralisia do sujeito, podendo, por outro lado, tornar-se um campo de experimentação permanente, enquanto lugar de acolhida do estranho-em-nós e busca de novas conexões (LIBERMAN, 1998, p 20-21).

Dessa forma, o corpo enquanto “campo de experimentação permanente” traduz-se enquanto ferramenta imprescindível para trabalhos expressivos. Sendo a dança uma forma de trabalho expressivo, é traduzida por movimentos e gestos vindos do próprio corpo, que ao realizar exercícios e sequências novas, irá reagir de maneira peculiar a cada vivência e situação, adicionando novas sensações e maturações, aumentando seu repertório de informações.

A dança pode ser considerada ainda como atividade que “recicla” corpos, pois cede espaço para a exposição de sentimentos, medos, alegrias e frustrações, que muitas vezes ficam sufocados dentro deles. “A arte reinventa o corpo constantemente expondo as mazelas de sua natureza e cultura, corpos estes que nada mais são do que espectros de nossa suscetibilidade e, ainda assim, nos parece difícil acolhê-los” (NUNES, 2004/2005, p. 46).

1.4 O DEFICIENTE VISUAL E A DANÇA

De acordo com a CIF (Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde), as deficiências “são problemas nas funções ou nas estruturas do corpo, tais como, um desvio importante ou uma perda” (OMS, 2003, p. 14), e sendo assim, é possível afirmar que qualquer deficiência, seja ela qual for, traz consigo algum déficit no desenvolvimento geral de um organismo.

A deficiência visual é caracterizada pela perda total ou parcial da visão, que pode ser adquirida ou congênita. “O nível de acuidade visual pode variar, o que determina dois grupos de deficiência: a cegueira e a baixa visão ou visão subnormal” (FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. Disponível em: <<http://www.fundacaodorina.org.br/deficiencia-visual/>>). A cegueira caracteriza-se pela perda total da visão, ou a capacidade quase inexistente de enxergar; a baixa visão traduz-se por um comprometimento da visão, mesmo após tratamento ou correção.

De acordo com Freitas e Cidade (1997),

Os deficientes visuais apresentam as seguintes defasagens: equilíbrio falho, locomoção dependente, expressão corporal e facial escassas, coordenação motora deficiente, lateralidade e direcionalidade não estabelecidas, falta de iniciativa para ações motoras, problemas posturais, apresentando ainda defasagem no desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e psicomotor (FREITAS e CIDADE, 1997, p 86).

Pensando nestes aspectos, faz-se necessário, cada vez mais, a utilização de recursos que auxiliem no ganho e/ou na manutenção de funções corporais. O uso da dança enquanto recurso terapêutico apresenta-se como uma excelente ferramenta para aquisição dessas

funções, pois possibilita ganhos não só físicos, como mentais e sociais, por meio do movimento.

Segundo os autores Cazé e Oliveira (2008), o movimento seria a primeira forma de linguagem. Por ser uma linguagem não verbal, é pelo corpo que a articulação entre coerência e a coesão das ações sensório-motoras ocorreria, possibilitando a existência do pensamento. Os autores afirmam ainda que esta competência sensório-motora não tem seu desenvolvimento apenas no período da infância, o que se configura enquanto argumento possível para enfatizar a importância da prática da dança na vida adulta.

Para os indivíduos cegos, esta prática torna-se ainda mais relevante pelas interações espaço/temporais e corporais com os processos mentais. Os processos de assimilação, organização, reorganização e acomodação das experiências vividas pelos indivíduos cegos ocorrem de forma mais lenta do que nos indivíduos normovisuais (CAZÉ; OLIVEIRA, 2008, p. 295).

O ser humano é essencialmente visual, e é por meio da visão que este irá interagir de forma direta com o mundo que o cerca. Por este motivo, a deficiência visual, dentre as diversas formas de deficiência conhecidas, é uma das que traz maior prejuízo às atividades diárias do ser humano, e que interfere diretamente em seu desempenho ocupacional. Ainda para os autores citados acima:

A dança, para o deficiente visual, possibilita a superação de limites impostos pela cegueira, ampliando as possibilidades motoras com a execução de movimentos conscientes. Ela promove a melhoria do equilíbrio e da locomoção; da socialização, da realização pessoal e propicia uma vida ativa; além disso, a dança aumenta a compreensão da noção espaço/temporal e a noção de consciência corporal pela concretização da imagem de si mesmo, podendo ser um espaço de descobertas e consolidação de novos padrões motores que possibilitam novas aprendizagens e aquisição da autonomia (CAZÉ; OLIVEIRA, 2008, p. 295).

A dança para o deficiente visual é um conhecimento que se constitui como ferramenta alternativa essencial de superação e um caminho significativo para o exercício de sua autonomia, assim como o método da escrita e leitura braile configura-se enquanto instrumento promotor de independência social do deficiente visual.

1.5 BIBLIOTECA BRAILLE DORINA NOWILL

No ano de 2009 a autora desta pesquisa iniciou suas atividades de voluntária na Biblioteca Braille Dorina Nowill, ministrando a oficina de dança. A biblioteca foi fundada em 17 de maio de 1995, na Escola Classe 06 de Taguatinga, Região Administrativa do Distrito Federal. O nome da instituição é uma homenagem à Dorina Nowill, em agradecimento pelos livros que compõem o acervo da biblioteca. Dorina Nowill, deficiente visual aos 17 anos, criou a “Fundação para o Livro do Cego no Brasil” em 1946, que ainda hoje é referência por seus livros acessíveis e seus recursos de reabilitação para deficientes visuais.

Em 2006, a Biblioteca Braille Dorina Nowill passou a funcionar no Centro Cultural Teatro da Praça, no centro da cidade, o que facilitou o acesso ao público e possibilitou o oferecimento de outros serviços. O espaço atualmente conta com um Telecentro de acessibilidade digital, equipado com computadores conectados à internet e equipados com softwares que permitem aos deficientes visuais navegarem na internet. Uma sala multiuso, para as aulas de dançaterapia, entre outras atividades, e mais uma sala de leitura (BIBLIOTECA BRAILLE, 2010).

Trata-se de uma biblioteca pública, com a finalidade de atender ao deficiente visual, em seus vários contextos. “Há tanto livros em braile, quanto obras gravadas em fitas e CDs. O acervo chega a 2000 publicações. A biblioteca ainda promove cursos de leitura em braile e outras atividades culturais direcionadas para o público cego” (BIBLIOTECA BRAILLE, 2010).

Este espaço é um ponto de apoio e de convivência que tem como objetivo a motivação dos usuários a desempenharem suas atividades diárias, que colabora na reinserção social e qualidade de vida. Os usuários deste espaço encontram voluntários e atividades todos os dias, de segunda-feira a sexta-feira, em horário comercial.

As aulas de dança acontecem uma vez por semana, com duração de uma hora. Em 2010 criou-se o Grupo Vidança, destinado à apresentações e divulgação do trabalho em ambientes externos ao da biblioteca, composto pelos alunos que participavam das aulas. Dessa forma, as diferentes atividades envolvidas no processo das aulas de dança complementam um trabalho que pode ser visto pela vertente da reabilitação social, que vai além de exercício físico e do lazer, pois exige comprometimento, assiduidade, proporcionando, acima de tudo, um momento de inclusão social e de fortalecimento de

vínculos afetivos. As aulas e ensaios contam com uma média de 15 participantes, dentre eles, deficientes visuais totais, pessoas com visão subnormal, baixa visão, e voluntários.

Assim, devido à parceria consolidada entre instituição e pesquisadora desde o ano de 2009, a Biblioteca Braille Dorina Nowill constituiu-se enquanto campo de pesquisa deste trabalho, que busca verificar, por meio de entrevistas semiestruturadas, a relevância da dança no desempenho ocupacional de pessoas com deficiência visual.

1.6 MODELO CANADENSE DE DESEMPENHO OCUPACIONAL – MCDO

O Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional (MCDO) foi o referencial teórico escolhido para constituir esta pesquisa. Este modelo “é usado para mostrar que o desempenho ocupacional é o resultado de interações entre a pessoa, o ambiente e a ocupação” (LAW *et al*, 2009). Dessa forma, em vez de observações objetivas, o desempenho ocupacional é definido pelo indivíduo tanto em termos de sua habilidade para desempenhar certas ocupações como em sua satisfação com seu desempenho.

Este modelo incorpora os princípios da Prática Centrada no Cliente. Como afirma Bastos *et al* (2010), em sua revisão bibliográfica, esta prática tem trazido para os serviços de saúde um aumento na adesão ao tratamento e uma maior satisfação dos pacientes:

Pesquisas demonstram que a prática centrada no cliente está associada à maior satisfação do cliente e adesão aos serviços de saúde, comparada com outros modelos de prática (Deddinget al., 2004; Wressleet al., 2002). Evidências revelam ainda que, quando a escolha do cliente e a auto-avaliação são incorporadas ao tratamento, há aumento da motivação e participação do cliente favorecendo sua recuperação funcional. (Cup et al., 2003).

Para Mângia (2002), a saúde está ancorada no desempenho ocupacional, dotado de sentido para a pessoa e adequado ao seu momento de vida. O MCDO descreve os componentes do desempenho enquanto sendo: físico, cognitivo, afetivo e espiritual. A integração desses componentes pelo sujeito é feita para que este consiga desempenhar suas áreas do desempenho (autocuidado, produtividade e lazer). Este modelo articula, também, a compreensão de que o desempenho de cada um está intrinsecamente articulado às condições ambientais da pessoa.

De acordo com Sumsion (2003), o MCDO foi apresentado em 1982, com o nome de Modelo de Performance Ocupacional, revisado em 1993 e novamente em 1997. No modelo de 1982, as áreas do desempenho são o centro do foco do tratamento em terapia ocupacional. Os componentes do desempenho (descritos enquanto sendo mental, físico, espiritual e sociocultural nesta primeira versão) estão localizados na esfera central do tratamento, e são responsáveis pela singularidade de uma pessoa, onde os quatro devem estar em equilíbrio para proporcionar bem estar ao sujeito. Segundo CAOT (1993), com relação ao ambiente, o modelo focalizou ambientes sociais, físicos e culturais e, em 1993, os ambientes políticos, econômicos e legais foram incluídos.

Ainda segundo Sumsion (2003), em 1997 o modelo mudou de nome, passando a ser chamado de Modelo Canadense de Performance Ocupacional (ou Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional - MCDO), apresentando novos conceitos. A esfera central focaliza a pessoa com a espiritualidade no centro, juntamente com os outros componentes que agora são divididos em afetivo, cognitivo e físico. O modelo de 1997 apresenta o ambiente dividido em cultural, físico, social e institucional, englobando os outros três acrescentados no modelo anterior.

O MCDO desenvolveu um instrumento, denominado Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM), que aborda as áreas e os componentes do desempenho citados acima, numa avaliação individual, que leva em consideração as percepções do cliente com relação ao seu desempenho ocupacional. Bastos *et al* (2010) cita em seu trabalho alguns dos conceitos atribuídos à Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM) por outros autores:

A Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COMP) é uma medida de resultados, ou seja, um instrumento capaz de mensurar o impacto de uma intervenção para um indivíduo (Polllock et al., 2003). Trata-se de um teste padronizado, já que requer métodos para administração e pontuação (Eyssenet al., 2006). Foi construída para ser utilizada por terapeutas ocupacionais, tendo como finalidade mensurar mudanças na percepção do cliente sobre seu desempenho ocupacional ao longo do tempo, bem como mudanças em sua satisfação com esse desempenho (Cupet al., 2003; Eyssenet al., 2006). (BASTOS *et al*, p. 105, 2010).

Assim, a COPM se configura como sendo um instrumento validado e confiável, que se relaciona de forma direta com as áreas do desempenho ocupacional. Sua aplicação se dá de maneira inicial em forma de avaliação, para definir prioridades no tratamento, ou identificar

as principais demandas ocupacionais do cliente, e na forma de reavaliação ao final da intervenção realizada, para mensurar ganhos em suas funções prejudicadas e em suas demandas específicas.

O objeto de análise desta pesquisa – a dança – está sendo utilizado com os sujeitos da amostra há mais de três anos, o que inviabiliza a aplicação deste instrumento (COPM). Além disso, o objetivo desta pesquisa é o de identificar os efeitos da dança no desempenho ocupacional destes sujeitos, por meio do seu próprio entendimento e relato, e não o de levantar dificuldades e mensurá-las. Com isso, a COPM será utilizada apenas como referência para orientar os tópicos da entrevista, a fim de seguir as áreas definidas pelo MCDO, referencial teórico utilizado. Os componentes de desempenho foram levados em conta no sentido de construir uma visão mais real do contexto em que as pessoas da amostra se encontram inseridas e, também, a fim de relacionar a influência destes fatores com o desempenho ocupacional destas pessoas.

2 JUSTIFICATIVA

A visão se constitui em um sentido de especial relevância para a vida de relação, sendo responsável por importante parcela da informação assimilada, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento cognitivo (GUYTON; HALL, 1996) e dentre todos os seus sentidos é a visão que lhe confere maior propriedade, apresentando-se como um importante captador de estímulos e de projeções espaciais, facilitando as relações do homem com a sociedade.

Quando a visão apresenta algum tipo de comprometimento clínico, a relação do homem com a sociedade também fica comprometida. A deficiência visual, segundo Martin e Ramirez (2003), pode ter dois níveis de seqüela: a cegueira, quando o indivíduo apresenta ausência total da visão ou simples percepção de luz, e a baixa visão; e em todos os tipos o deficiente visual apresenta uma série de dificuldades com relação à sua imagem corporal, noção espacial e locomoção, que interfere na construção da sua subjetividade e sua relação com o mundo.

Os problemas de comunicação em decorrência de alterações visuais podem ter “habilidade diminuída, retardada ou ausente, para receber, processar, transmitir e usar um sistema de símbolos” (SOUSA *et al*, 2010, p. 733) o que pode provocar preconceitos e exclusão social. Na busca de recursos para trabalhar as habilidades diminuídas do portador de deficiência, uma das estratégias é a dança.

A dança como instrumento, pode possibilitar ao deficiente visual “construir suas próprias ideias de tempo e espaço, de manutenção do equilíbrio pela reorganização postural, por meio dos outros sentidos e da propriocepção” (CAZÉ e OLIVEIRA, 2008, p. 295) bem como, amplia as possibilidades motoras com a execução de movimentos conscientes, melhora a independência na locomoção, auxilia na socialização (por se tratar de um espaço de convivência e trocas em grupo) e traduz-se enquanto objeto promotor de realização pessoal e de superação de limites. Porém, na literatura especializada, ainda é pequena a quantidade de trabalhos sobre esse tema.

Neste sentido, o presente trabalho pode se mostra relevante, na medida em que, apresenta a dança como possibilidade de promoção de qualidade de vida, melhora do desempenho ocupacional, bem como um meio de inclusão social de pessoas com deficiência visual.

3 OBJETIVOS

GERAL

Identificar a influência da dança no desempenho ocupacional de pessoas com deficiência visual.

ESPECÍFICOS

Relacionar os aspectos referentes aos componentes do desempenho com o desempenho ocupacional dos deficientes visuais em seus relatos;

Identificar, por meio dos relatos dos deficientes visuais, a relação entre a dança e seu desempenho ocupacional;

Analisar a influência da dança nas áreas do desempenho dos deficientes visuais.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida segundo um enfoque qualitativo, com caráter descritivo e exploratório. Segundo Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa tem por característica o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

A pesquisa qualitativa não segue um plano pré-estruturado, como os estudos quantitativos o fazem. Ela costuma ser direcionada durante todo o seu desenvolvimento. Além disso, de acordo com Neves (1996), a pesquisa qualitativa:

Não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma pesquisa diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados (NEVES, 1996, p. 1).

Dessa forma, para definir uma pesquisa enquanto qualitativa, Moreira (2002), citado por Oliveira (2008), descreve suas características básicas em um sumário com seis itens: 1) A interpretação da situação de acordo com o olhar dos próprios participantes; 2) A relevância da subjetividade; 3) Uma conduta flexível do estudo, onde a situação não está definida previamente; 4) Interesse não está no resultado, e sim no processo; 5) O comportamento das pessoas, que sofre influência direta do contexto, na formação da experiência; e 6) O reconhecimento de que o pesquisador sofre influência da situação da pesquisa, e de que a pesquisa também influencia a situação. Portanto, a pesquisa qualitativa pressupõe e aceita uma postura subjetiva em sua elaboração, partindo do princípio da individualidade e unicidade do ser humano, bem como de suas experiências.

Logo, para estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais, a pesquisa qualitativa aparece como uma importante ferramenta. Dentre os tipos de pesquisa qualitativa, o “estudo de caso” ganha relevância quando o pesquisador se propõe a trabalhar com um enfoque exploratório e descritivo, onde, segundo Godoy (1995, p. 26),

“deve preocupar-se em mostrar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação, uma vez que a realidade é sempre complexa”, que se baseia no raciocínio indutivo (BRAVO, 1998; GOMEZ, FLORES & JIMENEZ, 1996), e que depende fortemente do trabalho de campo (PUNCH, 1998).

O estudo de caso foi a técnica escolhida para a construção desta pesquisa e o instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, com roteiro previamente estabelecido, que abordou as áreas do desempenho ocupacional descritos a partir do Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional, abordagem que foi selecionada para constituir o referencial teórico do trabalho.

4.2 ASPECTOS ÉTICOS

Esta pesquisa é o resultado do projeto de conclusão de curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília (UnB) realizada com 5 (cinco) deficientes visuais, alunos da oficina de dança da Biblioteca Braille Dorina Nowill. Ela atende à Resolução nº 196/96, Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996). Este projeto foi submetido à avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília, sendo aprovado sob protocolo de número 115/12 – CEP/FS.

Atendendo às exigências éticas e científicas das pesquisas que envolvem seres humanos, foram entregues aos entrevistados para serem assinadas, duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra no Apêndice, ficando uma delas em posse do participante e outra com a responsável pela pesquisa, esclarecendo aos sujeitos os objetivos de sua participação, bem como os assegurando do sigilo dos dados coletados e demais princípios éticos para a realização do estudo. As cópias dos termos foram impressas à tinta e em braile, onde os participantes que tem conhecimento da leitura por esse método, poderiam ler o documento de maneira independente.

4.3 AMOSTRA E LOCAL DO ESTUDO

O estudo foi realizado na Biblioteca Braille Dorina Nowill, localizada em Taguatinga-DF, com uma amostra de 5 (cinco) sujeitos. Os critérios de inclusão foram pessoas com deficiência visual, que fossem usuários do espaço da Biblioteca Braille e alunos da Oficina de Dança desde o segundo semestre do ano de 2009. A escolha pelo tempo de permanência nas aulas de dança é devido ao período em que a pesquisadora iniciou estas aulas na instituição.

4.4 INSTRUMENTO

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas, desenvolvidas nos eixos indicados pela COPM e adaptadas aos objetivos dessa pesquisa, de maneira individual, sendo aplicada uma a cada encontro, e gravadas em áudio. As entrevistas foram realizadas no mês de novembro do ano de 2012, com uma periodicidade semanal, no qual a média do tempo para cada entrevista foi de 20 (vinte) minutos.

Devido à parceria existente entre pesquisadora e instituição, a autorização prévia para a realização da pesquisa dentro do espaço já existia. Ainda sim, com o início da pesquisa, a coordenadora da biblioteca assinou um documento que autorizava o desenvolvimento do trabalho na instituição. O agendamento para a aplicação das entrevistas foi feito por telefone pelas funcionárias da biblioteca, que marcavam com o participante o melhor horário para que ele estivesse lá, sendo que estes horários deveriam ser individuais. Os Termos de Consentimento foram levados impressos à tinta e em braile, e na hora da entrevista era perguntado ao participante se ele sabia ler braile para que lesse de forma independente o documento, do contrário, a pesquisadora lia para eles.

As entrevistas contavam com um roteiro de perguntas de questões relacionadas às áreas de desempenho ocupacional (definidas pelo Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional), descritas a seguir: Por que o(a) senhor(a) começou a dançar? O que a dança significa para o(a) senhor(a)? O que a dança acrescentou na sua vida? Com relação às questões do seu autocuidado, depois de ter começado a dançar, como você se sente? Com relação à sua produtividade, depois de ter começado a dançar, como você avalia? Com relação

às questões do seu lazer, depois de ter começado a dançar, como você o percebe? De maneira geral, você acredita que a dança trouxe resultados positivos para o seu cotidiano, suas atividades de vida diária, e para o seu desempenho ocupacional, como um todo? A entrevista está anexada no Apêndice II.

5 ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. A fase seguinte foi a da leitura dos discursos de maneira atenta, para uma melhor compreensão dos significados contidos neles. Dessa forma, as informações foram agrupadas por temas em comum que estão embasados e direcionados aos objetivos da pesquisa.

Fazendo uso da ferramenta da análise descritiva, foram levantadas percepções acerca dos conteúdos contidos nos discursos dos sujeitos. Como forma de oferecer maior propriedade às descrições expostas, foram utilizados alguns trechos literais transcritos das entrevistas.

As descrições se deram por meio da análise do discurso dos sujeitos com relação à percepção de seu desempenho ocupacional, nas áreas pré-determinadas pelo MCDO: autocuidado, produtividade e lazer, bem como em grande parte das suas subáreas, antes e depois de ter começado a dançar. Em alguns momentos buscou-se relacionar as áreas de desempenho ocupacional com os componentes do desempenho, pois o modelo explicita que cada pessoa integra esses componentes para atingir as áreas de desempenho ocupacional de forma direta. De acordo com o MCDO, as três áreas do desempenho se subdividem em outros subitens. A área do autocuidado engloba: cuidado pessoal, mobilidade funcional e funcionamento na comunidade. A área da produtividade: trabalho remunerado/não remunerado, cuidar das tarefas de casa, brincar/escola. E o lazer que engloba: recreação calma/tranquila, recreação ativa e socialização.

Para organização e sistematização das informações, as questões que nortearam o roteiro das entrevistas foram divididas em três categorias para análise, sendo a primeira delas a parte responsável pela caracterização dos sujeitos envolvidos na pesquisa e a associação destas características com os componentes do desempenho; a segunda que abordará seus primeiros contatos com a dança e suas percepções a cerca da influência dela em suas vidas; e a terceira que irá traçar paralelos entre as áreas do desempenho ocupacional e a influência da dança nelas.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados de acordo com a sequência da entrevista que foi aplicada, sendo a mesma dividida em três categorias. A primeira denominada “(Re) Conhecendo os corpos”, que descreverá os temas “Componentes físico, cognitivo e afetivo do desempenho” e “A espiritualidade e a religião”. A segunda categoria “A dança: primeiro contato e percepções”, com os temas “Motivações para começar a dançar”, “Significados” e “O que pode ter mudado?”. E a terceira categoria “O desempenho ocupacional de corpos cegos” com os seguintes temas retratados: “A dança e o desempenho ocupacional nas atividades de autocuidado”, “A dança e a produtividade”, onde este tema apresenta um subtema denominado “A importância do trabalho na estruturação da vida social”; “O lazer enquanto ferramenta inclusiva” e “A influência da dança no desempenho ocupacional dos sujeitos”.

6.1 (RE) CONHECENDO OS CORPOS

Dos 5 (cinco) sujeitos participantes da pesquisa, 3 (três) eram homens, e 2 (duas) eram mulheres, com idade entre 37 e 65 anos, sendo a média de 50 anos. São moradores das Regiões Administrativas do Distrito Federal: Ceilândia, Taguatinga e Santa Maria. Com relação ao estado civil e profissão, 3 (Três) são casados e 2 (dois) são solteiros, 4 (quatro) são aposentados e 1 (um) trabalha em casa. O nível de escolaridade varia entre ensino médio completo (3) e ensino fundamental incompleto (2). Com relação à religião, 3 (três) dizem-se católicos, 1 (um) evangélico e o outro diz não estar vinculado à nenhuma religião.

6.1.1 Componentes físico, cognitivo e afetivo do desempenho

Esta caracterização dos sujeitos que participaram da pesquisa é um aspecto bastante relevante no que diz respeito ao mapeamento de alguns fatores que podem estar relacionados com os componentes do desempenho. De acordo com o MCDO, estes componentes se

relacionam entre si e o equilíbrio entre eles proporciona um bom desenvolvimento de seus papéis ocupacionais. Segundo os autores Caldas, Facundes e Silva (2011), para que um indivíduo desempenhe de maneira satisfatória seus papéis e tarefas, precisa, de maneira satisfatória também, responder às demandas do meio externo e interno, que podem ser entendidos enquanto componentes do desempenho. Ao analisar a estrutura dos discursos dos sujeitos, percebe-se a influência do nível de escolaridade e também da idade na forma como se expressam, e na maneira como entendem e constroem um diálogo coerente na associação entre os vários campos de suas vidas, tais como saúde, lazer, trabalho, etc.

Ao pensar em corpos que estão privados do sentido da visão, nota-se a necessidade de uma reorganização em seu cotidiano para a interpretação e acomodação dos estímulos que chegam a eles, de maneira mais específica. Dessa forma, o componente físico do desempenho pode sofrer alterações pela falta da visão, e suas funções sensório-motoras podem apresentar alguns déficits em seu desenvolvimento. Além disso, a idade é um fator determinante no que diz respeito à defasagem das funções sensório-motoras e, segundo Teixeira (2006, p. 352), o processo de envelhecimento leva a um “declínio global e relativamente uniforme de desempenho em tarefas sensório-motoras de diferentes naturezas, conduzindo a um processo de queda homogênea de desempenho com o passar dos anos”. Sabendo que a maior parte da amostra é composta por adultos em idade avançada, o entendimento a cerca desta informação torna-se relevante pois compreende o sujeito em sua realidade não só física, como também em seu potencial cognitivo.

A cegueira, caracterizada enquanto uma limitação [...] no órgão da visão, leva o indivíduo a formar um modo específico de percepção e organização do mundo, uma vez que a execução das atividades diárias e a sua organização em rotinas, assim como a socialização, dependem das informações que são provenientes do meio no qual se insere (COSTA, 2005, citado por CASTILHO *et al*, 2011, p. 190).

A deficiência visual traz consigo várias limitações para a vida de pessoas com esta deficiência, pois é por meio deste sentido que o ser humano interage e participa do mundo que o cerca. Dessa forma, o deficiente visual (re)cria o modo de perceber os estímulos que a ele são chegados. A falta da visão torna ainda o deficiente visual dependente do outro, em muitos casos, fazendo com que o desenvolvimento de suas funções sociais e emocionais sejam diminuídas, alterando, com isso, o bom desenvolvimento do componente afetivo do desempenho.

6.1.2 A espiritualidade e a religião

Para além das questões físicas, cognitivas e afetivas, a espiritualidade é vista hoje como importante fator de reconhecimento de uma pessoa. Segundo CAOT (1997), a espiritualidade é moldada pelo ambiente, está internalizada nas pessoas e oferece sentido às ocupações desenvolvidas por ela. A religião associa-se de maneira direta com a espiritualidade e influencia a percepção dos mesmos a cerca das atividades que envolvam dança e trabalho corporal, ganhando assim, significados diferentes para cada um de acordo ainda com a forma que esta relação entre “sujeito e instituição religiosa” ocorre.

A relação entre a dança e a religião dos entrevistados foi observada em seus discursos, bem como a percepção destes com relação ao impacto desta atividade em questões essencialmente benéficas em sua vida, presente em uma das falas:

“Ela (a dança) me ajuda bastante. Minha religião proíbe, mas como lá tem banda e é bastante alegre, eu pedi permissão pra poder dançar. E sendo como uma terapia, eles disseram que eu posso.” (VV)

De acordo com Caldeira (2008), na Idade Média ocorre a ruptura do desenvolvimento da história da dança no cristianismo. Tal fenômeno abre as portas para o pensamento dualista “corpo e alma”, que passa a contaminar o pensamento bíblico. A negação da carne e as dúvidas em relação ao corpo fazem com que a dança perca a força, a partir do século IV, com a oficialização da religião cristã. Pode-se observar ainda que esta separação entre a dança e instituições religiosas encontra-se presente no cenário contemporâneo, configurando-se assim, enquanto um dilema entre o prazer proporcionado pela carne, e o prazer proporcionado pela elevação espiritual, sem que estes possam coexistir.

6.2 A DANÇA: PRIMEIRO CONTATO E PERCEPÇÕES

Esta categoria relaciona-se com a identificação dos motivos pelos quais os deficientes visuais começaram a dançar e a relação destes com o fator “motivação”, elemento essencial para adesão a qualquer tipo de curso, tratamento ou atividade sequencial. Descreve os

significados que a dança tem para eles, e finaliza a análise com o levantamento dos ganhos trazidos pela prática desta atividade na vida dos deficientes visuais.

6.2.1 Motivações para começar a dançar

“Em 2009 eu vim aqui pra biblioteca pra oferecer meus trabalhos voluntários de origami. Ai a coordenadora me chamou pra assistir a uma aula de dança, e realmente eu sempre quis aprender. Só que eu pensei: ‘Eu, cego? Nunca que eu vou conseguir fazer isso!’ Ai um dos voluntários me chamou, e eu disse que não dava conta, e ele falou: mas ela também não dá! Ai eu fui indo...Errei uns passos mas achei interessante.” (AR)

Sobre a motivação, Pintrich e Schunk (2002), citados por Siqueira e Wechsler (2006), dizem que “a ideia de movimento aparece em muitas definições (*de motivação*) e, relaciona-se ao fato da motivação levar uma pessoa a fazer algo, mantendo-a na ação e ajudando-a a completar tarefas”. Dessa forma, percebe-se, por meio dos relatos dos sujeitos que, na maioria dos casos a motivação para começar a dançar foi interna, muitas vezes pelo fato de já gostar de dança, mas nunca ter tido contato, e externa, por meio do convite feito pela própria instituição Biblioteca Braille.

“Eu senti que precisava de uma atividade pra mudar um pouco a minha rotina de vida. Quando eu não fazia nenhuma atividade, eu ficava em casa. Dai comecei a dançar pra sair um pouco de casa”. (ME)

“Sempre participei das atividades da biblioteca, quando eu tive problemas de saúde, comecei a fazer aulas de dança. As aulas começaram no ano de 2004 aqui na biblioteca”. (VV)

“Comecei a dançar por que sempre tive muita vontade, mas como nunca tinha freqüentado uma aula de dança, e dançar só por dançar eu tinha uma certa vergonha”. (VB)

Ainda refletindo sobre os fatores motivacionais para o ingresso nas aulas de dança, percebe-se, pelo discurso dos entrevistados que vários foram os motivos pessoais pelos quais eles começaram a dançar. Um dos entrevistados diz que foi a vontade de mudar sua rotina,

outro pela busca de uma melhor condição de saúde, e os outros três por uma vontade própria de querer aprender a dançar e um “gosto” pela atividade que já existia.

6.2.2 Significados

Na questão referente ao significado que a dança tem para cada um dos entrevistados, as respostas foram agrupadas em dois temas centrais: o primeiro que a dança está relacionada com a promoção de saúde dos entrevistados, tendo em vista que três (3) deles fizeram esta associação, e o segundo relaciona a dança com a superação de limites.

(Promoção da saúde) “Tudo de bom. Alegria, auto-estima, ela contribui para que melhore minha saúde... Em tudo! A dança é um conjunto de “tudo de bom”. (VB)

(Superação de limites) “Para mim é muito importante, por que ela realiza uma parte muito importante no sentido de fazer com que eu tenha superações das minhas dificuldades, por que o dia-a-dia de uma pessoa que não enxerga é complicado. As vezes estamos constrangidos, debilitados, e quando eu passo a dançar eu esqueço de tudo, tudo aquilo vai para um canto, para prestar atenção na dança. Claro que não é fácil, mas justamente nesse chamado de atenção para que eu possa fazer uma coisa bem mais perfeita que se imagina, neste momento é que eu supero as minhas dificuldades, por que eu preciso abandonar tudo aquilo que não me faz bem, para viver uma coisa que me faz bem.” (FP)

A superação de limites também pode ser encarada como um fator motivacional para que uma pessoa comece a fazer algo novo. Porém, começar algo novo significa “movimentar-se”, sair do conforto e iniciar um processo de descoberta. Trabalhando com pessoas com deficiência, a necessidade de movimentar-se e de explorar “seu corpo, suas possibilidades e limites é primordial para aquisição de alguns conceitos concretos e (...) para a capacidade de abstração” (FREITAS; BERTOLDI; ISRAEL, 2006, p. 935). Os autores dizem ainda que “a dança como arte que promove a criação, expressão e conseqüentemente a educação (SÉRIO, 1994) poderá cumprir este papel de tornar toda a habilidade uma possibilidade (ISRAEL, 2000)”. Fica claro então o potencial criativo e a riqueza de possibilidades que a dança oferece para quem a pratica.

Para Braga *et al.* (2002, p. 155) “a dança é uma atividade corporal que pode ser considerada um recurso artístico-terapêutico auxiliar ao bem estar físico e mental”, sendo portanto, um instrumento válido para promover saúde e qualidade de vida.

6.2.3 O que pode ter mudado?

A pergunta seguinte da entrevista questiona o participante quanto às mudanças que possam ter surgido em sua vida depois de ter começado a dançar, e o que a dança pode ter acrescentado nela. É possível inferir dos relatos que a dança trouxe muitos aspectos positivos para seu cotidiano, uma vez que termos como autoestima, saúde, superação de limites e dificuldades, realização pessoal, alegria, desafios, mais tempo de vida, e satisfação foram citados.

“Acrescentou mais tempo de vida. Mais saúde, satisfação. Por exemplo, eu gostava muito de ficar internado, por que eu ficava no hospital e eu me dava muito bem com a equipe, hoje eu já mudei de ideia. Uma vez eu perdi uma apresentação, e eu quase morri de desgosto, eu fui parar no hospital. Então eu já não quero ficar internado por que eu quero voltar logo pra cá, pra dançar”. (AR)

“Acrescentou muitas coisas. A autoestima melhorou muito, a questão da timidez também houve um avanço, a questão da saúde, por que eu sou hipertensa e quando eu estou na dança eu não tenho crises de hipertensão. O relacionamento com as pessoas. Em todos os conjuntos”. (VB)

“Eu superei muitas coisas que me atrapalhavam viver. Estou aprendendo algo novo, estou conseguindo superar as minhas dificuldades. A dança é uma coisa fantástica, pois eu me sinto realizado”. (FP)

“Vamos supor, eu tive um problema de saúde, e agora eu fico mais alegre, converso. E digo para as pessoas: estou indo dançar! Melhorei bastante, voltei a sorrir e a comunicar”. (VV)

“Coisas boas. Alegria. Desafios”. (ME)

Segundo Braga et al (2002, p. 154) o deficiente “pode encontrar na dança a possibilidade de desenvolver seu talento, permitindo assim um ganho físico, psíquico e cultural, além de melhor inclusão social pelo palco da vida(...)”. Considerando o ser humano em sua esfera biopsicossocial, este tipo de atividade possibilita um ganho generalizado das estruturas de um corpo, pois produz saúde tanto na parte física quanto na mental, possibilitando ganhos, também, generalizados.

6.3 O DESEMPENHO OCUPACIONAL DE CORPOS CEGOS

A categoria a seguir se propõe a analisar a influência da dança nas áreas do desempenho dos sujeitos participantes do estudo, e identificar a relação direta entre os benefícios que a dança proporciona para o desempenho ocupacional deles.

6.3.1 A dança e o desempenho ocupacional nas atividades de autocuidado

Com relação à área do autocuidado, que envolve o cuidado pessoal, a mobilidade funcional e o funcionamento na comunidade, pode-se inferir dos relatos que a dança influenciou de forma positiva, uma vez que todos relataram estar mais vaidosos, dizem sentir-se estimulados a se cuidarem melhor e até estarem mais organizados com seus objetos pessoais. A mobilidade para a maioria também apresentou melhora, e todos relatam que a dança lhes proporcionou mais equilíbrio, ajudou-os a se localizar melhor no tempo e espaço.

“Eu acho que melhorou 100%. Por que eu me sinto mais gente, mais bonita, através da dança. Teve, por que depois da dança eu quis me arrumar mais e mais. A locomoção melhorou, principalmente na biblioteca, em ambientes que eu frequento, minha locomoção nestes lugares melhorou muito.” (VB)

“Eu me sinto bastante bem. É importante, para mim, estar bem vestido, bonito... e até cheiroso! (risos). E isso com toda a certeza isso me traz saúde. Na dança eu preciso prestar 100% de atenção, preciso me localizar, me posicionar, pois a dança me ajuda também no

meu equilíbrio. Agora eu me atentei de que preciso usar muito a minha audição para me localizar nos locais onde eu estou. A utilização dos sentidos é muito importante.” (FP)

“É uma coisa interessante (risos). A dança veio me fazer evoluir mais. Ao estar bailando, sei que preciso ir arrumadinho, barbeado, cabelo cortado, até pintei os cabelos (risos). A dança despertou isso em mim.” (VV)

“Melhorou. O que eu mais me preocupo é com o cabelo, e depois da dança passei a cuidar mais dele. Comecei a sentir o corpo mais leve. Ficou mais fácil de andar de um lado pro outro, apesar de eu já me locomover com facilidade, por que já sou acostumada. Ajudou também na amizade, pois eu ligo mais para as pessoas, e tenho mais amigos.” (ME)

“Sem dúvida. Hoje eu coloco minhas gravatas bem arrumadas, eu fiquei mais detalhista, questão do cabelo. Ano passado eu fiquei o ano inteiro fazendo tratamento com o dentista pra ficar com o sorriso bonito. No domingo eu bati o recorde de fazer a barba e não me cortar, em 2 minutos e meio. A dança me deu muito equilíbrio também.” (AR)

Os autores Silva, Ribeiro e Rabelo (2008), constataam ao final de sua pesquisa sobre “A influência da dança no equilíbrio de deficientes visuais” que esta atividade influenciou de forma significativa no equilíbrio dinâmico e estático dos mesmos. Além disso, afirmam que a dança melhora a consciência corporal, estimula as pessoas (deficientes ou não) a mostrarem suas capacidades e potencialidades, proporciona auto-independência e autoconfiança além do domínio do próprio corpo.

6.3.2 A dança e a produtividade

Na questão referente à área da produtividade, a partir dos relatos dos deficientes é possível afirmar que depois de ter começado a dançar, eles se consideram mais atentos às tarefas do seu cotidiano e mais cuidadosos. Sentem-se mais seguros para realizar as suas tarefas, e relatam ainda que aprenderam a dividir e organizar melhor o seu tempo, utilizando-o para a realização dos seus deveres diários e agora também para momentos de lazer e diversão.

“Como a auto-estima elevou, houve uma mudança nessa questão das tarefas de casa, por que eu tenho mais ânimo para fazer as coisas, significa que é um incentivo para mim.” (VB)

“Depois que eu comecei a dançar, na minha casa eu tenho percebido que tudo o que eu tenho aprendido na dança tem influenciado dentro de casa, nos meus procedimentos, nas minhas atenções. Tudo isso tem sido importante para mim.” (FP)

Porém, para um bom desempenho nas atividades desenvolvidas dentro de casa, faz-se necessário uma boa integração dos aspectos físicos e cognitivos de uma pessoa, pois estas atividades trabalham tanto com a questão muscular quanto com a organização espacial e temporal, bem como com a memória e a capacidade de sequenciamento. Dessa forma, a dança trabalha aspectos corporais e cognitivos que poderão auxiliar o desempenho de atividade domésticas, como descrevem os autores Calill *et al* (2007), a dança:

[...] proporciona o autoconhecimento, pelo toque, porque, além de aumentar a percepção corporal, relaxa a musculatura, favorecendo o desenvolvimento físico, motor, neurológico e o intelectual. O toque ajuda a definir os limites do corpo e a auto-imagem, proporcionando conforto e prazer. Melhora também a autoimagem pelo estímulo das percepções e sensações cinestésicas [...], que orientam o tempo e o espaço (CALILL *et al*, 2007, p. 196).

Tal observação está de acordo com a fala de um dos entrevistados, quando este afirma que:

“Minha vontade de fazer as coisas melhorou depois da dança. Eu aprendi a dividir o tempo para cada atividade. Meu relacionamento com os colegas também melhorou (...). Minhas relações melhoraram. As tarefas lá em casa são divididas, eu não faço tudo não. To mais segura, me sinto mais segura. A dança me deixou mais relaxada. Eu já tive depressão, ficava só dentro de casa, agora não, melhorou muito.” (ME)

Com a análise deste item, percebe-se que a área do desempenho “produtividade”, ainda que tenha apresentado ganhos, não foi explorada em sua totalidade, uma vez que os tópicos que ela engloba (trabalho remunerado e o não-remunerado, o cuidar das tarefas de casa, e o brincar/escola) em sua maioria não fazem parte do cotidiano das pessoas entrevistadas. Dentro destas subáreas, apenas o cuidar das tarefas de casa foi citado, pois nenhum dos sujeitos encontra-se em idade escolar e também não fazem mais referência ao

brincar como atividade de seu cotidiano. Além disso, não houve menção ao trabalho (emprego) por parte dos participantes, pois todos ou não trabalham ou são aposentados.

6.3.2.1 A importância do trabalho na estruturação da vida social

“Eu acho que eu só tenho mesmo oportunidade de estar com as pessoas, conversando, ou rindo ou desabafando com as pessoas do local que eu sempre venho, no caso aqui da biblioteca. Não vou muito à festas. Mas venho para as aulas, para os encontros aqui da biblioteca.” (VV)

“Eu tenho tido mais contato com as pessoas, a dança tem sido muito importante por que eu não preciso mais ficar enclausurado na minha casa, eu posso sair e ficar mais a vontade.” (FP)

Como último ponto a ser observado, percebe-se que a ausência do trabalho na vida destes sujeitos pode ter contribuído para uma maior exclusão do mundo que os rodeia, e que a descoberta da Biblioteca enquanto um espaço organizado e direcionado para eles tenha reestruturado seus cotidianos. Segundo Lancman (2007), a construção da identidade individual depende diretamente da presença do trabalho na vida do sujeito, presença esta que também interfere na qualidade da inserção social destes, auxiliando assim, na construção de suas redes sociais.

6.3.3 O lazer enquanto ferramenta inclusiva

Analisando a terceira área do desempenho, descrita pelo MCDO, o “lazer”, infere-se dos relatos que todos afirmam uma melhora considerável. Dizem estar mais sociáveis e abertos à convites para passeios e festas, além de sentirem-se mais seguros para chegar nos locais e dançar, de acordo com eles, “sabem que estarão fazendo direito”. Alegam ter mais vontade de estar com as pessoas e com os amigos.

“Melhorou muito, muito, muito. Agora eu me solto mais. Nos encontros, procuro me integrar mais com os colegas, seja em qualquer momento que eu participe. A questão de eu mesma acreditar em mim, era como se eu mesma não acreditasse, eu era muito insegura. Isso tudo mudou depois da dança. Passei a acreditar em mim.” (VB)

“Meu lazer tem sido melhor. Por exemplo, chegando a um determinado local, onde as pessoas estiverem dançando, eu já posso dançar também. Por que eu adquiri autoconfiança em mim mesmo. Eu não preciso ter medo.” (FP)

“Depois de dançar tive mais vontade de estar com os amigos. Antes era um ser humano muito fechado. A dança, em si, melhorou bastante para mim, sim. Lá na igreja a pastora me chamou para dançar, na frente de todo mundo. Eu fui lá e dancei com ela.” (VV)

De acordo com Nanni (2011), “a dança possibilitará ao deficiente visual, uma melhor harmonia de gestos e movimentos, facilitando, não só a auto-expressão e comunicação dos sentimentos, como a independência em sua locomoção, proporcionando sociabilidade.” Assim, a prática desta atividade proporciona aumento da socialização dos deficientes, por se configurar enquanto um momento de dinâmicas em grupo, onde existe a troca de vivências, experiências e sensações, apresentando-se assim, enquanto momento de contato físico que proporciona a aproximação entre estas pessoas.

6.3.4 A influência da dança no desempenho ocupacional dos sujeitos

A última pergunta aborda a influência da dança no cotidiano dos sujeitos pensando em seu desempenho ocupacional de maneira geral. Infere-se das respostas que a dança teve influência positiva em seu desempenho ocupacional, com ganhos relevantes em suas áreas de desempenho. Todos os entrevistados afirmam que a dança trouxe resultados significativos para o seu cotidiano e alguns fazem relação destes ganhos com sua saúde. Doenças como depressão, hipertensão, diabetes, acidente vascular encefálico (AVE), foram citadas como patologias que evoluíram de maneira positiva desde que começaram a praticar a dança.

“Em todos os sentidos. Geral. E isso não é só eu que falo, é científico. Até o meu médico cardiologista falou o quanto que eu mudei e que ele fica até preocupado por que agora eu não volto mais para fazer as consultas de rotina (risos). Ai quando eu tenho alguma crise hipertensiva a primeira pergunta dele é: ‘VB’, você está dançando? E normalmente é na época que as aulas de dança estão paradas de recesso, e eu volto a ter as crises, e ele já sabe, por que o meu remédio é a dança.” (VB)

“Sim, para quem não fazia exercícios de maneira nenhuma, a dança me trouxe muitas coisas boas.” (VV)

“Acredito. Me despertou mais. Igual eu falei né, me sinto mais solta, só de ouvir a música já sinto aquela vontade de dançar... Foi muito positivo. Além da questão da depressão. Ao vencer aquele desafio de quando eu começo a me sentir triste, a pensar coisas ruins, aí eu começo a pensar em outras coisas... e a dança me ajudou a pensar positivo.” (ME)

“Com certeza. Inclusive quando eu cheguei na Casa de Apoio, em São Paulo, na época eu estava muito doente, cheguei a pensar em desistir das aulas de dança, mas os próprios médicos achavam que a dança estava fazendo um efeito curador em mim. Depois com muita insistência da minha própria pessoa de não querer parar, sentindo muita dor, por conta do tratamento de um câncer no pênis, cada vez que eu fazia um exame na quinta, e as aulas eram na sexta, daí eu vinha sem condição nenhuma por conta dos exames, mas saía mil vezes melhor. Depois que os médicos viram algumas apresentações e eles acreditaram que realmente tudo que eu tava passando, toda aquela questão de vir pra cá logo pra vir pras aulas, eles viram que melhorava mais ainda. Teve uma vez que eu tava doente, e eu pensei que eu estava daquele jeito por que não estava dançando, por que as aulas estavam paradas, de férias.” (AR)

“Com toda a certeza eu posso dizer que 100% melhorou para mim. Eu posso me locomover com mais firmeza e segurança, por que os passos da dança ajudam a ter um equilíbrio maior. Minha atenção, melhorou. Não preciso mais ter medo de que vou dar bobeira na rua, por que estou mais atento.” (FP)

Podemos afirmar que a dança foi um mecanismo harmonizador, respeitando as emoções, os estados fisiológicos, desenvolvendo habilidades de movimentos e estimulando o autoconhecimento.

A dança apresenta uma gama bastante vasta de possibilidades e direcionamentos. A expressão das emoções e a comunicação por meio de gestos e movimentos corporais são a sua base, proporcionando harmonia e desenvolvendo inúmeras habilidades para quem pratica esta atividade. Conforme Gobbo (2005), a dança possibilita o autoconhecimento e o desenvolvimento de habilidades para execução de movimentos, além de benefícios como:

Prevenção e combate de situações estressantes, estimula a oxigenação do cérebro, melhora no funcionamento das glândulas, reforço dos músculos e proteção das articulações, conhecimento do seu corpo, melhora da capacidade motora, melhora do desempenho cognitivo, melhora da memória, concentração e atenção, proporciona cooperação e colaboração, contato social, criatividade, melhora da auto-estima e auto-imagem e estimula o resgate cultural (GOBBO, 2005, p. 4).

A dança, enquanto prática de vivência corporal, transforma o cotidiano daqueles que a praticam, pois estes sujeitos apropriam-se de si, instaurando a criação de um cotidiano mais consciente com relação à manutenção e cuidado de sua saúde. De acordo com Saito e Castro (2011), “nessas práticas, à medida que as vivências prosseguem, as pessoas se reconhecem como sujeitos de direitos, de responsabilidades, necessidades e desejos, com singularidades expressas a cada momento de vida.”

Sabendo dos benefícios que a dança proporciona para quem a pratica, e dos atrasos no desenvolvimento que podem sofrer as pessoas com deficiência visual, infere-se dos discursos que esta ferramenta possui potencial terapêutico para um melhor desenvolvimento do desempenho ocupacional destes sujeitos. O equilíbrio adequado no desempenho ocupacional é primordial para a manutenção da saúde do indivíduo.

Assim, a relação que vincula as esferas do desempenho ocupacional à prática da dança mostra-se bastante expressiva, uma vez que a melhora em seus desempenhos ocupacionais foi relatada por todos os sujeitos do estudo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por um olhar voltado para a esfera biopsicossocial do ser humano no tratamento em saúde tem ganhado força nos últimos tempos. A cada dia cresce a consciência de que não é em um corpo fragmentado que o homem vive e se relaciona, e com isso cresce também a preocupação em tratar este corpo em sua complexidade. Dotados de inúmeras construções particulares, subjetividades e sentimentos, sua marca fundamental torna-se a unicidade.

O estudo dialogou durante todo seu percurso com o Modelo Canadense de Desempenho Ocupacional, que entende que o ser humano só pode possuir um funcionamento saudável quando este integraliza os componentes e as áreas de seu desempenho, possibilitando a sensação de bem-estar. Sendo os componentes definidos enquanto as partes de unicidade de uma pessoa, estes devem ser levados em consideração para a realização da discussão das áreas de desempenho do ser humano.

Deve-se levar em conta que a maioria dos participantes diz praticar ou já ter praticado algum outro tipo de atividade durante o período em que frequentaram as aulas de dança, o que pode ter influenciado, em alguma instância a condição de melhora no quadro de seu desempenho ocupacional. Além disso, a carência de publicações sobre o tema desta pesquisa no meio acadêmico e científico, desperta a atenção para que o mesmo seja mais explorado, em especial pela Terapia Ocupacional, pois representa uma área de atuação possível para estes profissionais.

Em se tratando de uma forma alternativa de produzir saúde, a dança oferece às pessoas com deficiência visual a oportunidade de produzir/construir uma vida mais saudável e com qualidade. Por ser tratar de uma atividade expressiva e prazerosa, os ganhos funcionais, emocionais e psicológicos proporcionados por este tipo de exercício auxiliam na promoção da independência, autoestima e autonomia.

Conclui-se, com isso, que a prática da dança foi positiva para todos os entrevistados, uma vez que houve melhora na locomoção e mobilidade, aumento da autoestima e higiene

pessoal, em suas atividades de vida diária (AVD), mas principalmente na questão social, pois aumentou as possibilidades de inclusão social na sociedade. Proporcionalmente ao aumento da independência adquirida pelos entrevistados, há também o aumento na qualidade do desempenho ocupacional.

Dessa forma, sabendo das dificuldades motoras, cognitivas e sociais que a deficiência visual pode acarretar para os sujeitos, a dança apresenta-se enquanto um recurso terapêutico de excelente potencial para este público.

Por fim, a dança possibilita o contato com universos distintos de sensações e emoções, e mais, possibilita conhecer o nosso próprio universo. Assim sendo, a dança pode ser entendida como importante fonte de autoconhecimento. Compreendendo a dança enquanto expressão, pode-se questionar: E se eu não tenho um corpo “perfeito”? Ou se minhas pernas não funcionam? Ou ainda, se eu não vejo ou escuto? Como dança quem não dança? E a resposta é simples: DANÇA! Despertando sentimentos, refinando a destreza. Possibilitando sorrisos. É neste emaranhado de sensações que se compreende que a dança é possível e real, e abraça a todos aqueles que querem, em seu íntimo, dançar.

8 REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. Capítulo III: Pensando a integração. In:_____. **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE, p. 35-65. 1994.
- BASTOS, S. C. A. *et al.* O uso da medida canadense de desempenho ocupacional (COPM) em saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 2, p. 104-110, maio/ago. 2010.
- BERTOLDI, A.; SOUZA, C. Dança inclusiva e o efeito borboleta. **Rev. FAGED**, Salvador, n.16, p.51-62, jul./dez. 2009.
- BIBLIOTECA BRAILLE DORINA NOWILL. Luz e literatura. **Sobre nós**. Brasília – DF. 2010. Disponível em: <<http://bibliotecabraille.webnode.pt/>> Acesso em: 21 de agosto de 2012.
- BODGAN, R.; BIKLEN, S. K. **Qualitative Research for education**. Boston, Allyn and Bacon, Inc., 1982.
- BRAGA, D. M. *et al.* Benefícios da dança esporte para pessoas com deficiência física. **Rev. Neurociências**. 2002. Disponível em: <www.revistaneurociencias.com.br>. Acesso em: 20 janeiro de 2013.
- BRASIL – Conselho Nacional de Saúde. Atos normativos. **Resoluções**. 1996. Disponível: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm> Acesso em: 10 de setembro de 2012.
- BRAVO, M. P. C; EISMAN, L. B. **Investigación Educativa**. Sevilha: Ediciones Alfa,1998
- CALDAS, A. S. C.; FACUNDES, V. L. D.; SILVA, H. J. O uso da Medida Canadense de Desempenho Ocupacional em estudos brasileiros: Uma revisão sistemática. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 238-244, set./dez. 2011.
- CALDEIRA, S. P. A religiosidade na dança: entre o sagrado e o profano. **Rev. História em Reflexão**: Vol. 2 n. 4 – UFGD – Dourados. jul/dez 2008.
- CALILL, S. R. *et al.* Reabilitação por meio da dança: uma proposta fisioterapêutica em pacientes com seqüela de AVC. **Rev. Neurociências**; 15/3:195–202. 2007.
- CAOT - Canadian Association of Occupational Therapists. Occupational therapy guidelines for client centred mental health practice. **COAT Publications**, ACE, Toronto, 1993.
- CAOT - Canadian Association of Occupational Therapists. Enabling occupation: an occupational therapy perspective. **CAOT Publications**, ACE, Ottawa. 1997.

CASTILHO, C. N. *et al.* “A gente tenta mostrar e o povo não vê”: análise da participação de pessoas com cegueira congênita nos diferentes ciclos da vida. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, Mai/Ago, v. 19, n.2, p. 189-201. 2011.

CAZÉ, C.; OLIVEIRA, A. Dança além da visão: possibilidades do corpo cego. **Rev. Pensar a Prática**, vol. 11, n. 3, 2008.

FREITAS, P. S.; CIDADE, R. E. A.. **Noções sobre educação física e esporte para pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem para professores de 1º e 2º grau**. 1º Ed. Uberlândia: Gráfico Breda, 1997.

FREITAS, A. S.; BERTOLDI, A.S.; ISRAEL, V.L. **Dança: arte e meio educativo na educação especial**. Paraná. 2006. p. 934-41. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-086-TC.pdf>> Acesso em: 18 de janeiro de 2013.

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS. Deficiência Visual. **O que é deficiência visual?** São Paulo – SP. Disponível em: <<http://www.fundacaodorina.org.br/deficiencia-visual/>> Acesso em: 21 de março de 2013.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Rev. de Administração de Empresas São Paulo**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29 Mai./Jun. 1995.

GOBBO, D. E. A dança de salão como qualidade de vida para terceira idade. **Rev. Eletrônica de Educação Física**, Uniandrade, Curitiba, PR, Ano I, v2, 2005.

GOMEZ, G R; FLORES, J; JIMÉNEZ, E. **Metodologia de la Investigacion Cualitativa**. Malaga: Ediciones Aljibe. 378p.1996.

GUYTON, A. C.; HALL, J. E., **Taskbook of Medical Physiology**. Philadelphia: W. B. Saunders. 1996.

KLEINUBING, N.; *et al.* Saberes possíveis no processo de ensinar e aprender dança: revisitando bases epistemológicas. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 199-218, maio/ago. 2011.

KUSSUNOKI, S.; AGUIAR, C. Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil. **Motriz: Revista de Educação Física**. UNESP, Rio Claro, SP. v.15 n.3 p.708-712, jul./set. 2009.

LANCMAN, S. Psicodinâmica do Trabalho. *In*: SOUZA, A. C. A.; GALVÃO, R. C. **Terapia Ocupacional: fundamentação & prática**. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, p. 271- 277. 2007.

LAW, M.; *et al.* **Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM)**. Trad. Ana Amélia Cardoso, Lílían Magalhães, Livia de Castro Magalhães. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

LIBERMAN, F. **Danças em terapia ocupacional**. 2ª edição. São Paulo: Summus, 1998.

LIBERMAN, F. **Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional**. São Paulo: Summus, 2008.

MARTÍN M. B., RAMÍREZ F. R. Visão subnormal. In: Martín MB, Bueno ST. **Déficit visual. Aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo (SP): Santos; 2003

MANFIO, J.; PAIM, M. A dança no contexto da educação física escolar: percepção de professores do ensino médio. **Rev. Digital**. Buenos Aires. Año 13. N° 125. Outubro de 2008.

MÂNGIA, E. Contribuições da abordagem canadense “prática de terapia ocupacional centrada no cliente” e dos autores da desinstitucionalização italiana para a terapia ocupacional em saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.13, n. 3, p.127-34, set./dez. 2002.

MENDES, M. G. **A Dança**. Capítulos I e II. In:_____.São Paulo. Editora Ática. 1985. p. 15-42.

NANNI, D. Dança de salão (samba e tango): perspectivas pedagógicas. **Corpus et Scientia**, ano 7, vol. 7, n. 2, p. 133-37, Novembro, 2011.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, V.1, N° 3, 2º SEM./1996.

NUNES, S. Fazer dança e fazer com dança: perspectivas estéticas para os corpos especiais que dançam. **Ponto de vista**. Florianópolis. N. 6/7. p. 43-56. 2004/2005.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: Tipos, técnicas e características. **Rev. Travessias**, Educação, Paraná, Vol. 2, N° 3, Ed. 4, 2008.

OMS - Organização Mundial da Saúde, **CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde** [Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para a Família de Classificações Internacionais, org.; coordenação da tradução Cassia Maria Buchalla]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP; 2003.

PETO, A. C. Terapia através da dança com laringectomizados: relato de experiência. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [online]. 2000, vol.8, n.6, pp. 35-39.

PUNCH, K. **Introduction to Social Research: Quantitative & Qualitative Approaches**. London: SAGE Publications, 1998.

SAITO, C. M.; CASTRO, E. D. Práticas corporais como potência de vida. **Cad. Ter. Ocup. da UFSCar**, São Carlos, Mai/Ago 2011, v. 19, n.2, p 177-188.

SILVA, C. A. C.; RIBEIRO, G. M.; RABELO, R. J. A influência da dança no equilíbrio corporal de deficientes visuais. **Movimentum – Rev. Digital de Educação Física**, Ipatinga, Unileste-MG , v.3, n.1, Fev./Jul., 2008.

SIQUEIRA, L. G. G.; WECHSLER, S.M. Motivação para a aprendizagem escolar: possibilidade de medida. **Avaliação Psicológica**, 5(1), p. 21-31, 2006.

SOUSA, R. M. *et al.* Diagnósticos de enfermagem identificados em idosos hospitalizados: associação com as síndromes geriátricas. **Esc Anna Nery (impr.)** 2010 out-dez; 14 (4):732-741.

SUMSION, T. Capítulo 1 – Perspectiva da prática baseada no cliente. In: _____. **Prática baseada no cliente na Terapia Ocupacional: Guia para implementação**. São Paulo, Editora ROCA, 2003, p. 1-24.

TEIXEIRA, L. A. Declínio de desempenho motor no envelhecimento é específico à tarefa. **Rev Bras Med Esporte**. Vol. 12, Nº 6 – Nov/Dez, 2006.

APÊNDICE I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O (a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto: “A DANÇA E O DESEMPENHO OCUPACIONAL DE DEFICIENTES VISUAIS: DESVELANDO NOVOS CAMINHOS”.

O objetivo desta pesquisa é verificar a influência da dança no desempenho ocupacional de pessoas com deficiência visual.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação será através de uma entrevista semiestruturada onde serão levantadas informações acerca das áreas do desempenho ocupacional, que o(a) senhor(a) deverá responder na Biblioteca Braille Dorina Nowill na data combinada com um tempo estimado para sua realização de 30 minutos. Informamos que o(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Universidade de Brasília, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do sujeito da pesquisa podem ser esclarecidas entrando em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa, Dr.(a) Andrea Gallassi, através dos telefones: (61) xxxx-xxxx e (61) xxxx-xxxx, no horário de 8:00 às 12:00.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável

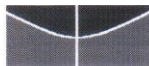
Brasília, ____ de _____ de _____

APÊNDICE II

Entrevista

1. Dados básicos
 - 1.1 Nome
 - 1.2 Data de nascimento
 - 1.3 Endereço
 - 1.4 Estado civil
 - 1.5 Profissão
 - 1.6 Escolaridade
 - 1.7 Religião
2. Por que começou a dançar?
3. O que a dança significa para você?
4. O que a dança acrescentou na sua vida?
5. Com relação às questões do seu autocuidado, depois de ter começado a dançar, como você se sente?
6. Com relação às questões da sua produtividade, depois de ter começado a dançar, como você se avalia?
7. Com relação às questões do seu lazer, depois de ter começado a dançar, como você o percebe?
8. De maneira geral, você acredita que a dança trouxe resultados positivos para o seu cotidiano, suas atividades de vida diária e para o seu desempenho ocupacional como um todo? Por quê?

ANEXO



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/FS

PROCESSO DE ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Registro do Projeto no CEP: **115/12**


Título do Projeto: “A dança e o desempenho ocupacional de deficientes visuais: desvelando novos caminhos”.

Pesquisadora Responsável: Andrea Donatti Gallassi
Data de Entrada: 26/07/12

Com base na Resolução 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética em pesquisa com seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos e do contexto técnico-científico, resolveu **APROVAR** o projeto **115/12** com o título: “A dança e o desempenho ocupacional de deficientes visuais: desvelando novos caminhos”, analisado na 7ª Reunião Ordinária, realizada no dia 14 de agosto de 2012.

A pesquisadora responsável fica, desde já, notificada da obrigatoriedade da apresentação de um relatório semestral e relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (item VII.13 da Resolução 196/96).

Brasília, 20 de agosto de 2012.


Prof. Natan Monsore
Coordenador do CEP-FS/UnB